

EDITORIAL 2020

Aos leitores e colaboradores da RPI,

Inaugurando um novo tempo de comunicação científica, a Revista de Pesquisa Interdisciplinar (RPI) apresenta a partir de 2020 a publicação de seus artigos em fluxo contínuo e traz outras alterações de gestão para torná-la cada vez mais transparente, acessível e atual. A primeira refere-se à disponibilidade de layout para orientar o autor nas regras de formatação do artigo. Segue a gestão com novos pareceristas para acelerar o processo de avaliação. E, para manter o padrão de boas práticas descreve as suas novas diretrizes.

No ano de 2020 vamos continuar na missão de publicar diferentes áreas de estudo com o nítido objetivo de apresentar a perspectiva interdisciplinar de ciências, especialmente, as voltadas a sensibilizar sobre o tempo atual, seus fatos e acontecimentos.

Importa pensar o tempo societal e discutir como a vida socioecológica se apresenta em resposta às ações do homem no planeta. Sejam as destrutivas ou as constitutivas de boas práticas. As primeiras marcam as dores na alma e nos corpos de todos, especialmente dos menos privilegiados e geram os ciclos viciosos. Exemplos saltam aos olhos com as alterações climáticas demonstradas tanto em períodos dados em escala geológica como em tempo histórico com destaque para a era da industrialização e os movimentos em escala global de preocupação com o planeta. A mobilização de atitudes enraizadas na lógica consumista e irresponsável apregoada pelo capitalismo reafirmadas e ampliadas na era da informação foram tema de estudo para geólogos, biólogos, médicos, historiadores, sociólogos e educadores.

As diferentes boas práticas, como fonte de resistência vem sendo desenvolvidas ou estudadas por pesquisadores, educadores e cientistas por todo globo. Práticas de solidariedade, saúde pública e políticas públicas em prol das minorias e de ações inclusivas avançam e são temáticas de interesse daqueles que almejam aplicar e replicar soluções para problemas locais ou não, com foco no bem da humanidade.

Hodiernamente os paradigmas com ênfase no conhecimento e nos novos estudos, amplamente difundidos em periódicos científicos nacionais e internacionais denunciam o pernicioso movimento de consumo desenfreado e descolado da corresponsabilidade com a casa planetária que carecem de discussões. A busca pela

descoberta e implementação de novo *ethos* ecossocial com tecnologias e mídias para a dinâmica de ciclos virtuosos e autossustentáveis se fortalecem na era do conhecimento.

A complexidade de Morin e o rizoma de Deleuze se chocam quanto aos seus aspectos teóricos-metodológico, mas se entrecruzam na demonstração da complexa teia de relações conceituais em seus aspectos críticos ao modelo capitalista que se fortalece, apesar dos sociólogos e filósofos sinalizarem seu mal à vida humana/planetária. E, em pleno vigor teórico, a crítica pós-moderna se vê distanciada das práticas mais conscientes em termos proporcionais da população mundial, considerando que as armas ferem, matam e continuam sendo difundidas e ganhando terrenos.

Agora a pandemia viral nos alcança e, ainda há alardeamento de sê-la um fenômeno imprevisto, não esperado, sendo palco de disputas políticas e religiosas contra às ciências. O cenário é de apagão histórico-científico e, concomitantemente, de ressurgência científica em campo de lutas para enfrentar as “vozes” do ente comum e dos acadêmicos e entre os próprios cientistas, com manifestações distintas e diversas propagadas dentro de suas cavernas e, sem contato entre elas. Os pesquisadores da área de saúde e biológica não esqueceram que a SARS-Cov-1 já tinha sido mapeada por laboratórios, e, presentemente, esses assistem com toda humanidade, sua nova geração, a SARS-Cov-2 espalhar a dor por perdas de milhões de pessoas e o sofrimento, com os descasos de governantes.

Por igual assistimos autoridades políticas autoritárias e antidemocráticas desconsiderarem o valor dos movimentos ambientalistas em prol da relação amistosa com o ecossistema, amplamente traduzido pela literatura, na sétima arte, em exposições e feiras livres. São inúmeras formas de comunicação em que se pregam a urgência de novas atitudes seguidas do silenciamento mordaz e presente de modo truculento. A história viva desprezada e a filosofia utilitarista parecem ser as armas do “homocapital”, ainda não sensibilizado pela alteridade e empatia.

Assistimos em 2020 as mentalidades capitalistas enraizada na cultura doentia e alienante imperar nos cinco continentes, com alguns raros exemplos de transformação relacional em que o homem e natureza progride para homem-ser-natureza.

A RPI instiga esse complexo olhar para apresentar as diferentes pesquisas e oportunizar aos leitores as conexões temáticas, visando o diálogo entre ciências distintas a favor de uma relação voltada a aprimorar o cuidado com a propagação dos conhecimentos e qualificação da vida mediada pela equidade social e econômica como

direito a partir da mudança do aquecimento global por um aquecer de corações e mentes pela casa terráquea e, por todos seus habitantes.

O rol de pesquisas difundido ao longo de seus cinco anos na RPI só foi possível pelo hercúleo trabalho de ampliar o comitê avaliador e propiciar transparência em sua política de boas práticas, mesmo com restrições atinentes a tempo e pessoal.

Para 2020 o *layout* do artigo é criado como uma ferramenta adotada na RPI para favorecer ao avaliador se concentrar nos conteúdos e racionalidades empregadas para descrever o estudo em pleito para publicação. Queremos qualificar a cada publicação o nível de cientificidade e de comunicação com a sociedade acadêmico-científica.

Boa leitura! Boas práticas!

Cristina Novikoff

Editor-chefe